

MEMÓRIAS DE PROFESSORAS DE HISTÓRIA: SOBRE SI MESMA E OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO EM HISTÓRIA**MEMORIES OF HISTORY TEACHERS: ABOUT HERSELF AND THE PROCESSES OF TRAINING IN HISTORY**

Jaqueline Aparecida Martins Zarbato
Universidade Federal de Santa Catarina
jaqueline.zarbato@gmail.com

Resumo:

Este artigo tem como objetivo refletir sobre as trajetórias de professoras de História, num imbricar de funções em ser/estar na docência com os caminhos sociais, familiares, culturais, políticos que, forjaram suas experiências, singularidades, representativas e inspiradoras para os 'futuros' da docência em História. Para isso, dialoga-se com as perspectivas teóricas e metodológicas da formação de professores/as de História, Memória e história da vida, a partir das narrativas de duas professoras de História. Salientando que, abordar as experiências e memórias de professoras de História, que contribuíram para o campo do ensino de história, esta alicerçado na composição de um quadro conceitual, dialógico e da história de vida dessas mulheres.¹

Palavras-chave: Professoras de História; memórias; história de vida.

Abstract:

Abstract: This article aims to reflect on the trajectories of History teachers, in an overlapping of functions in being/being in teaching with the social, family, cultural, political paths that forged their experiences, singularities, representative and inspiring for the ' futures' of teaching in History. To this end, a dialogue is made with the theoretical and methodological perspectives of the training of History, Memory and life history teachers, based on the narratives of two History teachers. Emphasizing that, addressing the experiences and memories of History teachers, who contributed to the field of history teaching, is based on the composition of a conceptual, dialogical framework and the life story of these women.

Keywords: History teachers; memories; life story.

Diferentemente de heróis e heroínas descritos na História Oficial, as professoras entrevistadas para traçar as suas narrativas nesse artigo, nos inspiram, envolvem em sua trajetória de vida pessoal e profissionais, um caminhar que foi possível num processo histórico de ser e

¹ O artigo é parte da produção da pesquisa: Histórias de vidas e memórias de pesquisadores/as do campo do ensino de História. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE HISTÓRIA, ABEH).

se fazer professora de História. Foram narrativas de infinitos pensar sobre os diferentes tempos de vida, numa rede crescente de lembrar os detalhes de cada situação, das mudanças em si e nos outros. As narrativas de Maria Auxiliadora Schmidt e Edna Maria dos Santos, trouxeram as tramas dos tempos vividos, experienciados e compartilhados nessas linhas do artigo (ainda que só uma parte). Mas que inspiram e, nos convidam a pensar o entrelaçamento do ser mulher, professora de história, mãe, amiga, companheira de luta, defensora de uma educação emancipadora.

O contexto histórico nacional vivenciado pelas professoras apresenta períodos em que sua vida pessoal e profissional compõem as suas lembranças, se estruturam pelas mudanças sociais, impostas a elas, pela vivência e experiência da docência, como algo que se imbrica aos sonhos, desejos, descobertas, realizações e frustrações. São lembranças que evocam um passado construído pelos traçados do ensinar, do aprender, em que as histórias de vida vão se compondo num cenário das idas para as escolas, universidades, sindicatos, festas de família, evidenciando contextos educacionais e sociais. Ou como articula Maurice Halbwachs, (2003), 'para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer as lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2003, p. 72).

Nesse sentido, é importante destacar o encaminhamento metodológico e os usos dos conceitos históricos, na análise do artigo, em que se mobilizam a memória entrelaçada com a história de vida, a narrativa feminina no ensino de história, as experiências de mulheres professores na temporalidade histórica brasileira. Esses elementos compõem o cenário que serão mobilizados ao longo da escrita. Permitindo a todos/as acompanhar as caminhadas realizadas pelas professoras de história, que se configuram como representantes de um campo de saber, o ensino de história. Selecionamos para essa análise duas entrevistadas, que legaram suas narrativas e histórias de vida, evidenciando o quanto suas trajetórias implicam nas conquistas, avanços e defesa de ensinar história no Brasil

Nesse processo de ser e estar em sua experiência de vida docente, as lembranças descortinam 'olhares' diferenciados, e são esses 'olhares' que evidenciamos nessa narrativa, a qual apresenta outras narrativas sobre o processo de se constituir enquanto docente de história, ou seja, "não é possível separar o eu pessoal do eu profissional" Nóvoa (1992, p. 7).

Uma das interlocutoras, a professora Edna, apresenta em sua narrativa, o seu processo escolar.² Ao ser indagada sobre isto, ela nos relata que:

Escola. Escola eu estudei, (...) eu estudei na escola Francisco Cabrita, escola pública, a vida inteira minha vida foi em escola pública. Por isso o tempo inteiro eu bato na tecla com os alunos: vocês têm que ser de escola pública, ajudar a escola pública a crescer. A escola é daquelas escolas antigas, não é nem da Fundação Mangabeira, é anterior, é de pedra, tá muito bonita escola. Numa época que a gente tinha médico, tinha dentista dentro da escola, uma alimentação maravilhosa. A escola tá lá, acho que não funciona da mesma maneira como eu vivi ali, mas do ponto de vista de estética continua igual. A escola onde eu estudei eu tinha médico, dentista, sazonais eles iam, aí a gente com a turma ia e tinha todas as vacinas, também, e não tinha essa de perguntar à mãe ou à família se vacinava: - Hoje é o dia de turma tal se vacinar, descia a turma inteira, vacina no braço e não era gotinha não.

A narrativa da professora Edna apresenta um ‘tempo escolar’, o seu tempo de estar no espaço escolar, revisitado em sua caixinha de lembranças. Nos evidenciando uma defesa da escola pública, que ultrapassa o passado, reforçando a escola como uma instituição com função social para além do educar. São recortes de sua história de vida, que entrelaçam com o ir e vir nas salas de aula, de estar numa escola de pedra em que até se vacinar na escola era possível. São narrativas e relatos que se entrecruzam com as ações de ligadas a escolaridade, numa significação dessa instituição como constituidora de sua subjetividade. Assim, a narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativos, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. (QUEIROZ, 1988, p. 20)

Na abordagem com Edna, a mesma apresenta a sua trajetória, enquanto estudante e mulher, quando era aluna no colégio Pedro II. Segundo sua narrativa:

Eu fiz o ginásio no Colégio Pedro II no Maracangalha, na Tijuca. Eu adorava as brigas. Era época que o Pedro II da Tijuca brigava com a chatice do Colégio Militar. Então a gente adorava, as meninas, os nessa escola, no Colégio Pedro II da Tijuca à época quem era diretor era aquele, como é, César, esqueci o nome. Os inspetores se tornaram depois, os meus inspetores eu tenho a caderneta com a assinatura de amizade deles, eles se tornaram professores do Colégio Pedro II. Então, nós participamos da Festa da Primavera. Hoje eu não sei, eu acho que o Pedro II, eu tenho ex-alunos que são professores lá, continua muito bom também, mas na nossa época era incrível, era maravilhoso. (Edna, entrevista, 2022)

A lembrança das ‘brigas’ e ‘chatices do Colégio Militar, invocam as reflexões sobre o cotidiano das escolas no Rio de Janeiro, em que professores, inspetores e diretor tem sua

² Optamos pela metodologia de apresentar as narrativas das entrevistadas, de modo a preservar a sua experiência e memória. Entrevista com professora Edna Maria dos Santos concedida à professora Sônia Maria de Almeida Ignatiuk Wanderley e professora Gisele Pereira Nicolau, no Rio de Janeiro, em 06/05/2022

demarcação para a memória de um estudante-passado que se transformou em professora-futuro. Participar ativamente da vivência escolar talvez tenha contribuído para a formação de Edna, envolvendo-se em diferentes ações na escola e com diferentes agentes educacionais.

É importante salientar que experiência dessa mulher, ao narrar a sua construção educativa, nos leva a percorrer os caminhos da escola, a reconhecer a importância do espaço escolar em sua vida. Ao lembrar da escola, lembra de seus professores, narrando que, “me lembro de vários. Tinha de história, o professor de história, como era o nome, acho que era Américo, não lembro bem, a professora de francês, também, que era muito boa, aliás, todos eles eram bons, todos eles eram bons. E a gente tinha os quatro anos inglês, francês e espanhol”. (Edna, entrevista, 2022).

A personificação e identificação aluna-professores/as remete a exemplos do que se constrói como importante em se constituir como professora de História. São entrelaces de passado-presente-futuro que trazem para si e para os outros, o processo da identidade docente. “[...] é verdade que a identidade não é "simplesmente" recebida ou herdada. Ele tem que se haver com forças que o enraizam dinamicamente na espessura do passado. Ele é "projetado" criativamente, mas "a partir de". E estas duas dimensões chamam-se para serem articuladamente reconhecidas. (SANCHIS, 1996, p. 5)

A pessoa pode reorganizar suas lembranças a partir do recordar sobre o contato com as outras pessoas, isso porque a demarcação dos diálogos, das ações em conjunto remetem ao universo coletivo. Isso porque, (...) para termos uma ideia da multiplicidade das memórias coletivas, imaginemos o que seria a história da nossa vida se, enquanto a contamos, nos detivéssemos a cada vez que nos lembrássemos de um dos grupos pelos quais passamos, para examiná-lo em si e dizer tudo o que dele sabemos. (HALBWACHS, 2003, p. 107)

Ao ter acesso às lembranças de seu processo de escolarização, das festas, brigas e da importância dos professores/as na sua vida encaminha para o entendimento de como se constituiu como professora. Assim, “a diferença vital entre narrativas/estórias de vida e histórias de vida totalmente desenvolvidas é que a estória ou narrativa está localizada no contexto histórico em que as vidas estão incorporadas e enraizadas. Os enredos e roteiros pelos quais recontamos a nossa vida se relacionam às condições e possibilidades atuais em determinados períodos históricos” (GOODSON, 2020, p. 25-26)

Tanto que Edna descreve os seus anos de formação:

Eu me formei antes da dita revolução de sessenta e quatro. Eu me formei aí, foram quatro anos, sessenta, sessenta e um, sessenta e dois, sessenta e três, sessenta e quatro, que eu me formei. Bom, aí tinha uma infraestrutura, piscina, né? Tinha, agora esqueci o nome do professor. Sempre tive muito medo, minha relação com a água é uma coisa complicada, até quase que religiosa, sagrada, enfim. (...) Então, a infraestrutura do Instituto de Educação era maravilhosa. Dá uma tristeza muito grande de a gente ver a trajetória dessas escolas normais, sem terem estímulos de governo, sem terem nada. Além disso, excelentes professores. Todos eles, não me lembro, assim, perdi os nomes, mas tem outra coisa: você tinha uma biblioteca maravilhosa, mas você tinha que ter os livros (Edna, entrevista, 2022).

Ao relatar as passagens pela escola num período histórico, que se formou antes da Revolução de 1964, conhecida como Ditadura Militar no Brasil. Lembra da infraestrutura da escola de forma saudosa articulando o passado e presente. E ressalta a importância da biblioteca pelos professores/as. Isso impulsiona o diálogo sobre a leitura e escrita como fundamentais para o fazer dos/as professores/as, até mesmo porque a perspectiva de ler constitui-se como parte intrínseca no ensino, principalmente de história. Compreender o lugar da escrita e da leitura encaminham para o que se espera na formação de professores/as. “É admitir que ela faz parte da “realidade” da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada “enquanto atividade humana”, “enquanto prática”. (CERTEAU, 2017. p. 46-47). Sobre a escolha da profissão de professora de História, Edna argumenta que:

veja bem, de sessenta e oito eu me formo em mil novecentos e setenta e um, em setenta e dois eu já era professora universitária da Universidade de Santa Úrsula. Porque, às vezes até pela resistência necessária, eu sempre fui primeira aluna. Nessa época havia uma professora, acho que você conhece professora Laurinda, que era muito ligada à Maria Yedda, e a Laurinda precisa de alguém, porque aí era quem indicava mesmo. Como eu era primeira aluna, ela indicou meu nome para pegar turmas dela. (...) eu era professora universitária, em uma universidade que eu concordava com muitas coisas que ela dizia. Isso influenciou muito a minha vida posterior, principalmente nessa área da religião, das religiosidades, etc. Então, com o diploma na mão, eu dava aula na Universidade Santa Úrsula. (Edna, entrevista, 2022)

Discutir sobre as escolhas de trabalho, envolve emoções, sentido de vida, relações interpessoais, mentorias e inspirações, como são narradas por Edna. São recortes de suas lembranças, ou seja, “a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar (NORA, 1993, p. 15).

Edna narra sobre sua inserção no Ensino Superior, destacando o processo de criação do curso de História,

em oitenta e nove eu fiz o concurso público e passei em primeiro lugar. Oitenta e nove eu já era professora efetiva da UERJ. E aí, eu tinha outros lugares que eu dava aula além do município, lugares, eu tenho tudo isso pronto, se você precisar algum dia montar

algum um curso está tudo prontinho guardado. Eu montei o curso de história, bom, aqui o curso de história teve uma participação imensa minha, da Lenar e da Lúcia Bastos, de outras pessoas. Mas eu montei o curso de história na Faculdade de Valença, FAA, não sei nem como está hoje lá, montei o curso de história, em Macaé. Montar, quando eu digo montar o curso, é toda a infraestrutura do curso, eu tenho os projetos todinhos guardados, depois havia uma análise que o governo fazia, dava nota, enfim. Valença, Vassouras, Macaé, todos esses lugares eu montei todo o curso de graduação em história, e, em outros lugares do Brasil, eu dei orientações, me chamavam, eu ia lá, ficava uma semana, orientava: - olha, você tem que ver primeiro aqui os objetivos. Enfim, como é que se... isso foi muito importante.

Ter a maior parte de sua vida dedicada à Educação, ao ensino de História evidencia a dedicação de uma mulher que acredita no processo de educar, de formar, de envolver outras pessoas na valorização de ensinar e, de proporcionar espaços de formação que puderam ter acesso ao conhecimento dela. Sua vida profissional e pessoal é atravessada por essa ‘crença’, de educar e valorizar a educação. Mesmo nos dias atuais, é recorrente na narrativa de Edna, aglutinando diferentes elementos de sua vida, percorrendo desde a juventude até os tempos atuais. Edna destaca que:

Então, parte da minha vida, da minha juventude, da minha idade mais velha foi lidada com educação, e aí eu vi que eu tinha que fazer mestrado, porque eu não queria fazer, achava: ah mestrado! Vou o que com mestrado? Já faço no cotidiano. E fui fazer mestrado na UFRJ. Grandes amigos meus, grandes historiadores diziam, um deles era o Afonso: Edna, você vai fazer mestrado em educação? Na UFRJ? Em educação? Tem que ir para a história. Eu disse: Não, eu vou para a educação. Exatamente porque a gente tem que mexer naquilo que não está bom, aquilo que está ruim. A história não está ruim, tem você, como professora, e tantos outros. E aí eu fiz, fui para a UFRJ, fiz mestrado em educação, a minha dissertação até hoje, se eu publicar, ela é inédita, não vejo ninguém pesquisar sobre isso.

Ao narrar sobre os espaços de formação e sua trajetória, se reativam processos de ensinar e aprender, se inscrevem em meio a coletividade. A pessoa precisa recorrer as lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade.” (HALBWACHS, 2003, p. 72). Tornando assim, esses “pontos de referência” um importante sinal que pode trazer a memória eventos e espaços que marcaram ou marcam ainda, uma coletividade e que está no indivíduo como parte desse coletivo ou podem servir para serem questionados, quando os mesmos não são reconhecidos como pertencentes à memória coletiva

Sobre o caminho como professora e a relação com o ensino de história, Edna apresenta que foi

aluna que fui na década de oitenta da UERJ, de oitenta a oitenta e três eu fui aluna da UERJ, e a gente não tinha ensino de história no curso de história, qualquer coisa para falar de ensino, era muito complicado. Então esse perfil de um ensino de história aqui na UERJ como a gente queria demorou muitos anos para ser implantado. Quando eu comecei a dar aula aqui, eu e Marilena Barbosa, não tinha perfil de ensino de história nenhum. (...)foi a partir daí que os laboratórios nas áreas das ciências humanas e sociais foram criados. O primeiro laboratório que eu criei exatamente se chamava, (...) criei o

laboratório de pesquisa de ensino de história. Esse laboratório foi o primeiro a fazer um convênio com a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, do César Maia, eu fui lá. Aguentei meu estômago, bebi bastante água, mas fui lá falar com ele. Porque naquela época, você sabe disso, não é você que é amiga da Jaque Ventrapani, ou não? Pois é, a Jaque Ventrapani começou a trabalhar comigo, e a Jaque começou as questões da tecnologia, porque eu não gostava disso, mas mesmo assim eu fiz o primeiro CD sobre ensino de história e pedi que o César Maia botasse, na época eram mil cento e cinquenta escolas, e ele botou em cada escola da cidade do Rio de Janeiro gratuitamente. E aí nós continuamos com um lado da produção, do ensino da história. (Edna, entrevista, 2022)

Ao narrar a construção do ensino de história como área de conhecimento que aprofunda as discussões educativas, assim como a criação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) de um laboratório de pesquisa e ensino de História, assim como a implantação nas escolas públicas do Rio de Janeiro. Pode-se dizer que demarca um período histórico importante na construção da área de ensino de história, inclusive com parceria entre Universidade e escola.

Ainda sobre o ensino de história, Edna narra que:

Olha, os campos de ensino que a gente foi, as discussões, os desafios foram muitos. Desafios na época dos CIEPs, desafios na época das discussões de noventa para cá, noventa e quatro para cá, para discutir aqui dentro novos currículos, para discutir lá fora, onde eu montei os cursos de graduação em história, também, os currículos necessários e diversificados e diferentes, porque algumas coisas servem para todas as regiões, outras não, são muito específicas. O que precisa um aluno de história lá de Campos, por exemplo. É importante, ele precisa coisas que são comuns ao ensino da história aqui, mas coisas que são aplicáveis a campos, principalmente discutir bastante para tirar aqueles dois doidos que dirigiram, durante um certo tempo, o município de Campos. Então tem o geral e os específicos, tem o geral e a especificidade, já começa por aí. Mas, Gisele, para mim, o mais importante dos desafios em relação à história, eu estou tendo que estudar muito, reaprendendo uma série de coisas, igual que eu me sentei para discutir como é que a gente ia dar história lá nos CIEPs, eu estou fazendo isso agora. Os desafios para a história hoje são muito mais complicados (Edna, entrevista, 2022).

Na proposição sobre a construção do currículo, bem como dos desafios em relação ao ensino de história, é importante analisar pelo contexto de formação de professores/as, envolvendo a realidade em que se inserem. Sejam pelas dimensões educativas, prescrições, diretrizes curriculares, (...) “precisamos sair do currículo como prescrição para o currículo como narração de identidade, do ensino cognitivo prescrito para o ensino narrativo do gerenciamento da vida” (GOODSON, 2008, p. 142). Na abordagem sobre o que mais mudou em relação do ensino de história na escola desde o início da sua experiência profissional, ela descreve que:

Deve ter mudado muito, deve ter mudado, deve ter mudado muito. Se a gente pegar só agora, esses dois, três últimos anos, minha nossa senhora. O ensino, faltam professores, não é só da história, faltam professores. Falta um espaço onde eles possam estar em uma biblioteca dentro da escola, as bibliotecas praticamente não existem dentro da escola. Ora, vamos falar de ensino, vamos falar de ensino de história hoje, se o mínimo essa garotada não tem. Grande parte desses alunos que entraram agora no

presencial não viram nada esses dois anos. Eu conheço a cidade do Rio de Janeiro, eu conheço a baixada, eu não sou aquela professora que mora na Zona Sul e nunca atravessou o túnel, eu sou de estar nos lugares. Se você me perguntar: ah o linda? Sabe onde é, lá na baixada, sabe onde é? Sei. Nilópolis, sabe onde é? Sei. Nova Iguaçu e Caxias então de montão porque faltou uma universidade que eu ajudei muito, era aquela universidade lá de Caxias, também. Eu vou aos lugares. Olha, quando eu vi a UERJ onze da manhã com aquelameninada rodando em filas homéricas. Eu falei: meu deus, essa meninada está com fome. Como é que eu vou cobrar a leitura do Marc Bloch para esse menino, para esse menino que não come. Isso numa universidade, você já imaginou nos pequenos? Já imaginou de primeira à quarta série? Eles ficam intelectual discutindo na estratosfera. Não dá, não dá mesmo. Mas com tudo isso, eu acredito na história e acredito nessa juventude. Eles vão dar a volta por cima. (Edna, entrevista, 2022)

Essa maneira de expressar que acredita que a ‘juventude via dar a volta por cima’, encaminha a leitura de mundo de Edna, em que percebe nos vários lugares de formação a relação com as pautas sociais, em que as pessoas precisam de estrutura, de bibliotecas, de condições básicas para aprender. É um envolvimento para além dos textos em sala de aula, ela se envolve no cotidiano de ser professora, sendo uma mestra em toda a sua complexidade, [...] que la profesión docente há adquirido una gran complejidad em esta sociedad del conocimiento, que há aumentado la diversidad de usuários. (IMBERNÓN, 2006, p.42).

Seguindo essa linha de pensamento sobre a formação de professores/as, Edna salienta que a sua preocupação com uma formação aprofundada nas diferentes áreas de conhecimento, interdisciplinar, social, cultural e que desenvolva olhares e possibilidades por parte de professores/as. Segundo ela “eu continuo achando que o papel dos professores de história é fundamental, mas eu não vejo, vou te dizer o porquê, eu não vejo os professores, mesmo, de história estarem, lógico que uma parcela está, mas a grande maioria não está mais preocupada em fazer a história acontecer. (...) e, as minhas aulas, eu acho que as pessoas gostavam porque eu saía da história, entrava na literatura, entrava na antropologia, eu andava por todos os campos, que aliás é esse o papel dos professores de quinta a oitava série, e mesmo na universidade. Nunca que conhecimento da história, a leitura de livros sobre história, não só sobre história, de filósofos, sempre achei isso com os Annales, eu aprendi, eu vivi isso, eu sempre li arqueologia, antropologia, sociologia, filosofia muito. Um professor de história não pode desconhecer filosofia, não tem como.

Sobre as mudanças em relação ao ensino de história, Edna em sua narrativa possibilita a compreensão, de alguém com sua experiência em docência, de análise sobre a interligação da dimensão social com o processo educativo.

Neste sentido, relega sua herança pessoal e profissional como um (re)pensar das funções sociais e educacionais de ser professor/a, em toda a sua narrativa se vislumbra uma trajetória de uma mulher, professora que acreditou e acredita na educação como transformadora de vidas. Seja porque teve sua vida transformada ou porque foi a ‘madrinha’ de muitos/as professores/as que contribuiu com a formação.

Outra entrevistada, que apresenta sua trajetória e história de vida entrelaçada pela experiência docente é a professora Maria Auxiliadora Schmitt. Segundo ela:

E a minha irmã mais velha foi uma das primeiras professoras desse grupo, que fez esse curso lá em Salvador (..) E ali eles fizeram o ginásio, então eu fui fazer o ginásio em um colégio católico, eclesiano. E aí quando terminou o ginásio, não tinha ensino médio em Brasília, era uma cidade que estava começando, eu terminei o ginásio em mil novecentos e sessenta e dois, ainda não tinha o ensino médio, um curso ginásial público, na CASEB. E eles estavam construindo um colégio de ensino médio. E então eu fui estudar em Belo Horizonte, fiquei morando lá com a minha irmã, estudei no colégio da aplicação na federal de Minas, que ainda não era na Pampulha, era lá na rua Carangola, aí foi outra experiência (...) é, você ter aulas com aqueles professores, que eram professores da universidade, nossa, aquilo foi muito, muito legal, mas em sessenta e quatro, quando começa aquela coisa da “revolução”, meu pai que era ligado na política, essas coisas todas, ele disse “não, você não vai ficar aí mais, que vai ter uma revolução, os comunistas vão tomar o poder, melhor você vir para casa.” Aí voltei para Brasília, aí já tinha o ensino médio lá no colégio das freiras, dos padres. (Maria A. Schmidt, entrevista, 2023)

A narrativa de Maria Auxiliadora apresenta o percurso de sua experiência e trajetória no ensino ginásial, as aulas com professores, o pai ligado a política e os anos 1964, que ela chama de ‘revolução’. Os detalhes dos acontecimentos da vida, se entrecruzam com as transformações sociais. Isso se dá, porque para narrar bem uma história é necessário delimitar os personagens, descrever suas relações recíprocas, explicar suas razões de agir, descrever os contextos das ações e interações e até mesmo formular julgamentos (avaliações) sobre as ações e os próprios atores. (BERTAUX, 2010, p. 47)

Nos caminhos de ser profissional, Maria Auxiliadora nos narra que:

E aí quando eu escolhi comunicação, aí foi a tragédia familiar, porque “Imagina, você vai fazer...” meu pai dizia “É você vai fazer jornalismo para guardar jornal velho.” Pior que ele teve a razão. Ao fim, ao cabo, foi. E aí foi a trajetória, na minha infância e na minha juventude, que saiu um pouco da trajetória, das maiores das moças, das mulheres da minha geração, não é? (...) Por que que eu escolhi jornalismo? Porque primeiro, a gente vivia bem aquele período da guerra do Vietnã, e eu tinha assim uma vontade enorme de ser correspondente de guerra, então eu tinha um fascínio em ir para o lugar para poder informar, contar a história daquele lugar, vamos dizer assim. Aí isso da universidade de Brasília no período em que eu estudei, e olha que eu já peguei a universidade sendo esfacelada. E muitos professores já tinham sido caçados, (...) vários professores de história, o de Camões de Moraes, que era, tem um livro didático lindíssimo de história do Brasil, ele também já tinha sido caçado, então quando eu

entrei eu peguei o processo de dismantelamento da universidade, mas então era uma universidade totalmente diferente.

Fazer a escolha profissional pelo jornalismo se deu pelo envolvimento social, uma característica que segue em sua trajetória. Sua narrativa apresenta as dimensões familiares e os caminhos que resolveu trilhar, evidenciando os acontecimentos como parte de si mesma, assim, “o Eu da narrativa põe em forma os acontecimentos e as experiências, e entre eles, os outros e a pluralidade de seus discursos, e torna visível o processo de individuação e de formação pelo qual o sujeito constrói seu ser social singular” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 291)

Sobre a vivência na Universidade, Maria Auxiliadora destaca que participou do centro acadêmico, ela narra que:

Muito, muito, participei da diretoria, tanto que eu conheci o meu marido, que eu fui representar o curso, como eu era da diretoria de centro acadêmico, em um congresso de estudantes em Belo Horizonte em mil novecentos e sessenta e seis, e ele era do centro acadêmico de jornalismo aqui da universidade federal, ele foi representando Curitiba, Paraná, e eu fui representando a UNB. Então eu estava na universidade de Brasília na invasão de vinte e cinco de agosto de mil novecentos e sessenta e oito, foi bastante traumático, processos, coisas, principalmente nesse momento agora eu não gosto muito de lembrar, sabe. E aí comecei a trabalhar com jornal lá em Brasília, assim na minha profissão, de um lado é que precisava viver porque com a com a mudança da política é que os militares eles fizeram um arraso, uma política de terra arrasada na vida da minha família, meu pai, a fazenda que que ele tinha foi confiscada, tentaram confiscar a fazenda que ele tinha em Minas, mas era herança de família, então não conseguiram. Mas confiscaram a fazenda que ele tinha em Goiás, a crise, uma crise familiar me exigiu que eu trabalhasse e aí eu era jornalista de um banco, mas eu também trabalhava em um jornal, mas sendo assim como estágio essas coisas. E um dia o cara lá, o editor falou assim “Olha, você faz uma matéria sobre a revolução de mil novecentos e trinta e dois, uma pauta.”. Aí saiu eu, com meu caderninho, falando “O que que é isso?”. Aí fui lá, perguntei “Pai, o que que foi a revolução de mil novecentos e trinta e dois?”, aí ele virou e falou assim “Vai estudar história.”.

A família com terras confiscadas, as transformações políticas no Brasil, os rumos da vida profissional para atuar como jornalista, e o que mais chama a atenção a ‘matéria sobre a revolução de 1932’, que inscreveu um ‘futuro capítulo’ em sua história. De certa forma, percebe-se que ao lembrar, as pessoas organizam suas memórias a partir de elementos que compõem um cenário em que seja possível ter um fio condutor. Conduzindo um processo “que expulsa gradativamente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas”. (BENJAMIN, 1987, p. 201)

O envolvimento traumático da Ditadura em suas vidas, o relacionamento com o marido a partir da representação estudantil, as mediações entre o subjetivo e o processo cultural em que

se é forjado, contribuem para a reflexão sobre a percepção de tempo, de vida, de recusas e de sonhos.

Aí eu falei, eu vi que eu não sabia nada de história, (...) e aí fui fazer história. Quer dizer, pedi aproveitamento de curso, não é? Porque eu já tinha um curso. No meio do caminho eu me casei e fui morar em Curitiba. Aí foi um choque térmico e um choque ideológico. O curso de história da universidade federal do Paraná, era um curso totalmente conservador. Mas na verdade tinha alguns professores legais. A Professora Cecília Westphalen, ela era totalmente conservadora(...)mas ela era uma excelente professora do ponto de vista didático, as aulas dela eram encantadoras, porque ela tinha uma didática fantástica. Eu terminei o curso de história e ela convidou alguns bons alunos para fazerem o mestrado, e pasmem, eu fui uma das convidadas para fazer o mestrado em história em mil novecentos e setenta e quatro. Então eu vou, fiquei muito convencida, o meu ego assim, aí fui fazer, só que eu fiquei seis meses, não era aquilo, não é..

Fazer o curso de história, casar, ser escolhida para fazer mestrado, apresentados por Maria Auxiliadora remontam tempos no âmbito profissional e pessoal, fundamentando os sentidos para evocação do que lembrar, das pessoas que foram contribuindo para a composição do cenário de sua trajetória. Ainda segundo ela:

Vamos ir para a década de setenta, quando eu faço o curso de história aqui, é, eu não tinha filhos, e foi um pé na escola, e a primeira experiência que eu tive de escola foi muito, vamos dizer assim, muito porra louca vamos dizer, foi um grupo, uma família, é que o nome era o Rafael Aides, ele tinha sido não sei o que lá da aeronáutica, coronel não sei o que, e tinha liderado um movimento do petróleo é nosso porque ele era do partido comunista, e ele foi colocado na reserva, então ele resolve abrir uma escola aqui em Curitiba, ele abriu uma escola e uma escola lá no meio rural, na parte inferior, onde hoje é o shopping Barigui. E que não tinha nada, e era uma escola tipo Summerhill, sabe a escola Summerhill, tudo livre, não tinha regra, não tinha fila, não tinha nada. Foi uma coisa assim, e aí eles foram na universidade buscar um professor de história, aí não sei o que foram “A única aluna que pode dar aula lá é a Dolinha, então convida ela.” Aí eu fui, e foi bem bacana aquela experiência lá com as crianças era uma escola de quinta a oitava.

Ministrar as aulas numa escola de quinta a oitava série como sua primeira experiência, em que foi destacada como ‘a única aluna que podia dar aula’, num espaço rural, a qual tinha uma perspectiva educativa diferenciada. Esse começo da docência engloba diferentes elementos da profissão, apresentam o início de sua trajetória. Em que as dimensões temporais do sujeito e de suas ações são iminentes.

Isto é, quando alguém se organiza internamente por meio da narrativa de sua vida, o faz com um sentimento de completude. Passado, presente e futuro se orquestram entre si, sem estabelecer uma hierarquia de uma dimensão sobre a outra e sem que uma subtraia a outra. A experiência vivida só tem acesso à história, a uma significação ordenada e datada, se for capaz de se exprimir e de se re-apresentar. Essa re-apresentação, essa conquista de um novo presente é

paradoxal, pelo fato de constituir, ao mesmo tempo, o produto de um trabalho de rememoração e o surgimento do novo como sincronização de vários tempos, como dádiva, presente. (Pineau e Le Grand, 2012, p. 112).

E aí também comecei é, uma jornalista, amiga do meu marido, me convida para dar aula na PUC, no curso de jornalismo, então eu dava aula nessa escola e dava aula na PUC também, dava aula no curso de jornalismo, aí fiquei sete anos. Aí essa escola, claro, fechou, porque o circo começou, mas pensa, era uma escola de elite, era só para a elite, não era Summerhill para pobrezinho, era Summerhill para os riquinhos. Mas foi bem, interessante porque aquilo, eu falei assim “A escola é uma coisa legal, uma coisa que dá para fazer, mudar as pessoas, a escola fabrica as pessoas.” Então eu me imbuí daquele espírito messiânico, que como professora de história eu ia fazer a revolução, certamente.

A lembrança dos dois trabalhos, como jornalista e como professora de História envolvem divisões, de possíveis escolhas, talvez pelo trabalho como professora possibilitar ‘fazer a revolução’. Numa dimensão do contexto de vida, em que ...

(...) nesse meio do caminho, quando eu fui demitida lá da PUC eu resolvi fazer mestrado em educação lá na federal. Aí fui fazer o mestrado de educação, era horrível. Gente, era um horror. Tinha umas coisas que aquelas professoras falavam que eu não entendia nada, nada. Porque era todo modelito americano. Era um horror, tinha uma professora, (...) ela tinha feito doutorado nos Estados Unidos e estudos sociais. Aí eu passo no mestrado em educação e a minha dissertação é sobre o colégio Anjo da Guarda. É, só que como a gente tem que conceber as coisas, a minha formação me leva ao referencial da ideologia alemã de Marx e eu tomo o estudo daquele colégio como exemplo da relação entre a ideologia liberal e a educação. Aí estudo, faço entrevista, um estudo sociológico de um estudo de caso minucioso, e aí faço a minha dissertação. Eu levei seis anos para fazer, eu, hoje fazem dois anos, dois anos. E aí eu tive que trocar de orientador, porque minha orientadora disse que não aceitava coisa de Marx, aí a professora tinha recém-chegado do doutorado, fui a primeira orientanda dela, aí ela me orientou na minha dissertação. Chama “A ideologia liberal e estudos sociais.” É uma relação, como que os estudos sociais é um braço da ideologia liberal, que tem a sua raiz, naquelas teorias americanas e tal. Então, como eu digo é esse período da minha estada no Anjo da Guarda, depois que eu termino a minha dissertação, me dá uma louca porque abre um concurso aqui da prefeitura para professora de primeiro ao quarto ano. Eles abriram, não exigiram o curso normal

Esse período histórico lembrado por Maria Auxiliadora apresenta a fundamentação das teorias marxistas, das relações entre Educação, os estudos sociais que são inseridos nas Universidades brasileiras. Essas concepções contribuem para a sua formação, principalmente porque utiliza na pesquisa do mestrado, os dados do colégio em que trabalha.

Na narrativa de Maria Auxiliadora, a partir do processo de aprofundamento teórico e metodológico que adquire, “foi trabalhar na secretaria de educação no Paraná. Daí eu fui, estava na escola. Nesse momento eu dava aula, eu tinha feito concurso para a estadual de Ponta Grossa, de metodologia do ensino de história, eu ia cinco horas da tarde e voltava dez horas da noite, lá em Ponta Grossa. (...) e começa a acontecer umas coisas lá na secretaria, de desvio de verba que era para formar

professor e comprar material para escola, começa a ser levada para fazer encontro e jantares para diretores de escola, em hotéis de luxo, para fazer a campanha do pastor Elias para deputado federal. (...) e aí, eu saio, vou embora, a Olinda pede demissão, e ela era professora da universidade. Nesse exato momento abre concurso para o departamento de história, para teoria de história, e eu já tinha feito concurso” (Maria Auxiliadora, entrevista, 2022).

Revisitar os diálogos com outros profissionais, defender a Educação, o Ensino de História mobiliza toda a fundamentação subjetiva do que acreditava e acredita como parte de si mesma, seja no passado ou no presente. Pois, segundo Fontana (2000, p.102), [...] o passado não é apenas o que foi, mas uma experiência vivida de cuja reminiscência nos apropriamos. Os modos de analisar e de significar o vivido não nascem em nós, neles materializam-se nossas interações com gerações que nos precederam.

As lembranças de Maria Auxiliadora apresentam as particularidades em torno da formação continuada, num exercício dialógico que contribui para entender o quanto as condições de aprofundamento teórico e metodológico são importantes para os profissionais que estão nas escolas. Ela destaca que tratavam como reciclagem, pois segundo Maria Auxiliadora:

É um outro momento da minha trajetória. Então eu penso que essa... esse trabalho lá com formação de professores na secretaria de educação municipal e depois estadual é, foi me dando assim uma, porque eu tinha uma visão, evidentemente claro, da formação de professores, que eu sabia o que eu não queria, porque quando eu trabalhei como professora complementar no estado do Paraná naquela época, era década de setenta, que eu trabalhava na escola, dava aula, porque o salário tinha que complementar, dava aula aqui, dava aula ali. E a formação de professores era feito aqui no Paraná em um Centro, Centro de Treinamento de Professores do Estado Paraná, chamado CETEPAR, é uma coisa monstruosa, eu não sei hoje o que é, mas ainda até pouco tempo ainda ele tinha a mesma serventia, os professores vinham, ficavam hospedados ali, tinha restaurante, e ali faziam os cursos e chamava-se reciclagem, porque a gente tinha que ser reciclado. Então o CETEPAR eu sabia que eu não queria trabalhar nessa perspectiva da reciclagem, é, mas ainda não tinha muita essa visão meio iluminista, meio não, completamente, de que nós, que tínhamos formação, que tínhamos contato com a vanguarda revolucionária do pensamento pedagógico, nós levaríamos para os professores o que eles deveriam trabalhar, a metodologia, é e a gente não tinha essa, essa, eu não tinha, porque isso também foi algo que eu fui aprendendo e fui aprendendo aos poucos. (Maria Auxiliadora, entrevista, 2022)

Ao dialogar sobre a relação com outros profissionais, com percursos formativos permitem conviver com “vários tipos de “narrativas históricas”, mas certamente algumas “narrativas” dominam os principais meios de comunicação e transmissão de valores. Ampliar o número de “autores” da história abre espaço para construção de múltiplas narrativas históricas e cria possibilidade de revisão de tais valores. (WORCMAN E PEREIRA, 2006, p. 204). Pode-se dizer que a experiência desta professora agrega textos e contextos de outros professores, os quais são

povoados por fatos, escritas, sonhos, pensamentos, sujeitos que se envolvem e se interligam no enredo expressivo do mundo vivido.

Nesse entendimento de autoria de sua própria história, Maria Auxiliadora narra que:

(...) lidar da relação teoria-prática, e eu tenho muita preocupação o que essas residências pedagógicas, esse PIBID's estão fazendo por aí, porque, claro, desde a pandemia que eu não trabalho mais com estágio que também me aposentei em dois mil e dezenove, mas quando eu trabalhava ainda com a graduação, os alunos que participavam do PIBID, participavam dessa residência pedagógica, viam com esse viés iluminista muito forte sabe, e eu tinha um trabalho danado para discutir com eles, polemizar, problematizar, esse viés que a universidade tem muito forte, não falo todas, mas grande parte dos cursos de licenciatura, não só história não, tem esse viés de que a universidade tem que levar para o professor. Isso marca muitos os estudantes, e evidentemente, ainda bem que hoje a gente tem artigos, trabalhos que fazem discussão dessa forma de lidar com a formação de professores. (Maria Auxiliadora, entrevista, 2022)

Ao narrar a sua preocupação com a construção histórica e pedagógica que envolve a formação no ensino de História, Maria Auxiliadora apresenta a complexidade que é ser formadora, da preocupação com a significação da Universidade no fazer docente. E nesse processo, afirma que marca a vida dos estudantes e sua formação, pois o "(...) processo de relembrar pode ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória individual e coletiva" (THOMSON, 2006, p. 67).

Porém, é importante frisar que Maria Auxiliadora discute a formação sem idealizações, explicando o quanto o trabalho de professor é cansativo. Segundo ela:

Mas como eu digo para vocês, todo esse trabalho é cansativo, porque, por exemplo, o último tema que nós trabalhamos foi a história difícil. E, eu ia para os encontros, eu não sabia o que eu ia encontrar, porque, aí cada professor chegava tinha que apresentar o que ele, primeiro o que ele ia fazer, qual o tema que ele escolheu, porque ele escolheu, como que ele ia fazer, depois ia rodando, quando chegava na vez dele de novo ele tinha que apresentar quanto ele fez, então toda a discussão eu tinha que elaborar ali na hora, na hora. Toda a discussão metodológica, todo o conteúdo tinha que ser elaborado na hora ali da apresentação do professor, então eu não tinha como me preparar antes, isso me matava. E tinha que bom, o que ajuda é que a idade vai acumulando pois, então facilita um pouquinho. É, bom, ainda não cheguei na educação histórica. (Maria Auxiliadora, entrevista, 2022)

Maria Auxiliadora evidencia em sua narrativa alguns elementos importantes para o fazer histórico, demarcando sua trajetória de contribuição ao ensino de história. De uma vida pessoal e profissional que aprofunda o percurso metodológico dos professores que estão nas escolas. Dos encontros que dialogam entre seus pares sobre os conteúdos históricos e, sua dedicação para a educação histórica. Esses encontros, demarcam lugares de fala, espaços de memória, que ficam

registrados na história, ou como aponta Le Goff (2003, p 467), são “(...) os criadores e os denominadores da memória coletiva: “estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a construir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória” (LEGOFF, 2003, p. 467)

Sobre a participação efetiva na formação docente, na incorporação de uma visão crítica e didática no ensino de História. Segundo Maria Auxiliadora:

Do ponto de vista, vamos dizer, do ponto de vista pedagógico eu sempre dei uma adesão as pedagogias progressistas, pedagogia crítica, pedagogia histórico-crítica. É, com essa adesão sempre me levou a procurar referência no ensino de história, que tivesse minimamente próximas a essas, essas discussões. É do ponto de vista metodológico, quando eu conheci o trabalho da Maria Cândida Proença, lá de Portugal, é que ela tem uma relação muito, muito interessante com a didatização do conhecimento, ela tem propostas bem didáticas de se trabalhar, fontes de trabalhar o estudo de patrimônio, de arquivo. Então, para mim o trabalho da Maria Cândida foi um dos pioneiros para mostrar essa didatização não de uma forma tão sofisticada como os franceses, porque no início da década de noventa. (Maria Auxiliadora, entrevista, 2022)

Compreender os diferentes processos de (re)novação das abordagens no ensino de História, impulsionaram essa narrativa de Maria Auxiliadora, uma vez que é considerada uma referência no Brasil, no campo da Educação Histórica. Percebe-se em sua fala a preocupação com uma educação que aprofunde as análises, que seja crítica e que permitam diálogos com outros profissionais. São ações que ampliam o sentido de ensinar e aprender História, que permitem aos ‘futuros/as’ professores/as um contato com a experiência e conhecimento dessa mulher, professora que nos encanta com sua história de vida. Isso porque, [...] o individual e o social, as estruturas internas da subjetividade e as estruturas sociais externas longe de serem estranhas por natureza e de se excluírem mutuamente, são ao contrário dois estados da mesma realidade, da mesma história coletiva que se depositam e se inscrevem simultaneamente e indissociavelmente, no corpo e nas coisas. (SOUZA, 1996, p.115).

1. Finalizando

Na estrada do saber, Edna e Maria Auxiliadora acompanharam muitas pessoas em suas caminhadas, cercadas de diálogos, olhares curiosos, descobertas se forjaram como mulheres professoras de História que, entrelaçam suas caminhadas num ressoar do percurso de pensar a si mesmas e aos outros. Outros que são família, são estudantes, são colegas de trabalho, são políticos, são àqueles/as que despertam nelas os sentimentos, amores, sonhos, desabres, mas, que nessa trama do tempo se compõem em suas memórias como situações. E situações não identificam suas experiências.

A vida, de sair de suas casas até os espaços educativos, as pessoas com quem tiveram alguma convivência, que por vezes influenciaram suas escolhas foram elementos descortinados em suas narrativas. São experiências profissionais e pessoais que contribuem com a construção das identidades das professoras e seu conhecimento da prática docente.

Apresentar as narrativas dessas mulheres, professoras de História foi um desafio, pois há muito o que falar sobre suas memórias e histórias de vida, muito que não foi incluído nesse artigo. E a possibilidade de explanar suas trajetórias, numa composição que passado e presente se conectam permitiu compreender os usos de abordagens e linguagens no ensino de História, as relações de poder em espaços educativos, os percalços e escolhas da profissão. Permitindo [...] (re)encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permite aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das histórias de vida. (NÓVOA1992, p.25).

E, esse processo de análise finaliza com a poesia de Cecília Meireles (auto retrato), “Se me contemplo tantas me vejo, que não entendo quem sou, no tempo do pensamento. Vou despreendendo elos que tenho, alças, enredos. (...) assim compreendo o meu perfeito acabamento. Múltipla, venço este tormento do mundo eterno que em mim carrego: e, una, contemplo o jogo inquieto em que padeço. E recupero o meu alento e assim vou sendo [...]”

Referências:

BERTAUX, Daniel. Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos. 2. ed. Tradução: Zuleide Alves Cardoso Cavalcanti e Denise Maria Gurgel Lavallée; revisão científica: Maria da Conceição Passeggi e Márcio Venício Barbosa. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. As histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação. Tradução de Alberto Pozzer. Revisão científica: Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. Topoi, Rio de Janeiro, p. 314-332, dez. 2002.

FONTANA, Roseli A. Cação. Como nos tornamos professoras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GOODSON, Ivor F. Aprendizagem, currículo e política de vida: obras selecionadas de Ivor F. Goodson. Tradução de Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis: Vozes, 2020.

_____. As políticas de currículo e de escolarização. Petrópolis: Vozes, 2008.

IMBERNÓN, F. La profesión docente desde el punto de vista internacional. Que dicen los informes? Revista de Educación, n. 340, p. 19-86, maio-ago. 2006. _____. Una nueva formación

permanente del profesorado para um nuevo desarrollo profesional y coletivo. *Revista Brasileira de Formação de Professores- RBFP*, v. 1, n. 1, p. 31-42, maio 2009.

MORAIS, M. V. História integrada. In: PINSKY, Carla B. (Org.). *Novos temas nas aulas de história*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 201-218.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antônio. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: D. Quixote, 1992^a.

NUNES, Célia M. F.; CUNHA, Maria Amélia de A. A "escrita de si" como estratégia de formação continuada para docentes. *Revista Espaço Acadêmico* [online], n. 50, p. 11-23, jul. 2005.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. Qual história? In: _____. *As histórias de vida*. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2012.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do "indivizível" ao "dizível". In: SIMPSON, Olga de Moraes Von (Org.). *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)* São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

SANCHIS, Pierre. A crise dos paradigmas em antropologia. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. p. 23-38.

SOUZA, Aparecida Néri de. *Sou professor, sim senhor!* Campinas: Papirus, 1996.

THOMSON, Alistar; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006

Jaqueline Aparecida Martins Zarbato: Docente em colaboração técnica na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em História Social pela UFSC e pós-doutorado na UNICAMP.

Sobre os autores:

Jaqueline Aparecida Martins Zarbato: Pesquisador Pq - FUNDECT/CNPq (MS). Docente em colaboração técnica na UFSC/História. Atuou no curso de História/FACH/UFMS. Docente na Pós Graduação em Educação/CPTL. Coordenadora e pesquisadora do Grupo de pesquisa Ensino de História, Mulheres e Patrimônio (CNPq/UFMS). Membro do LEGH (laboratório de Gênero e História)/UFSC. Membro do colegiado de curso de História/UAB/UFSC. Membro do laboratório de História Pública/UFSC. Pesquisadora colaboradora externa do CITCEM/Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória/Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Portugal. Gestora do convênio UFMS e Museu de Etnologia/Moçambique. Fez parte da equipe multidisciplinar da Agência de Educação à Distância. Possui graduação em História, mestrado em História e Doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pós Doutora em História pela Unicamp. Especialista em Liderança e gestão de equipes/ Uniasselvi. Foi reitora do Centro Municipal de São José (USJ), Assessora de Pesquisa e Pós Graduação na mesma instituição. Chefe da divisão de formação de professores, aperfeiçoamento pedagógico SEDFOR/UFMS). Coordenadora de área do projeto

Residência pedagógica/UFMS. Coordena o Laboratório de Lideranças Femininas e empoderamento de gênero. Tem experiência na área de História e memória; Educação à distância; Educação Museal e a formação de formadores/as; Museus, patrimônios e memória, Didática da História, História das mulheres negras.

Artigo recebido para publicação em: 10 de julho de 2024.

Artigo aprovado para publicação em: 23 de agosto de 2024.

Como citar:

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. Memória de professoras de História: sobre si mesma e os processos de formação em História. *Revista Transversos*. Dossiê: Memória, Histórias de Vida e Ensino de História. Rio de Janeiro, nº. 31, 2024. pp. 35 - 52. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/80986>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2024.88540

